



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

## TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

**Juliana Andrade do Carmo Martins**  
PPGEduC/UNEB.  
[Jule.ac@gmail.com](mailto:Jule.ac@gmail.com)

**Francisca de Paula Santos da Silva**  
PPGEduC/UNEB e DMMDC/UFBA.  
[fcapaula@gmail.com](mailto:fcapaula@gmail.com)

**Alfredo Eurico Rodrigues Matta**  
PPGEduC/UNEB e DMMDC/UFBA.  
[alfredo@matta.pro.br](mailto:alfredo@matta.pro.br)

**Leandro Souza Martins**  
Jovem Mobilizador do Povoado Alto.  
[leandro.smj25@gmail.com](mailto:leandro.smj25@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo versa sobre o Turismo de Base Comunitária - TBC como um dos caminhos possíveis para o processo de desenvolvimento local, apresentando o caso do Povoado Alto, em Tucano-Ba como um exemplo de localidade que vem organizando o TBC nesta perspectiva. A metodologia utilizada na construção deste artigo será a de revisão de literatura. Neste sentido, apresentamos algumas discussões sobre conceitos e princípios que regem o Turismo de Base Comunitária e o desenvolvimento Local. Trata-se de um texto introdutório de um estudo de mestrado em andamento que propõe a construção de uma Educação para o Turismo de Base Comunitária na perspectiva do Desenvolvimento local. Expomos ainda, as principais diferenças entre o turismo convencional e o TBC. Bem como a formação de redes de colaboração na América Latina com o objetivo de fortalecer as iniciativas de TBC e promover a superação das desigualdades em comunidades de diversos países. Por fim, concluímos que é possível pensarmos o turismo de base comunitária como uma alternativa de desenvolvimento, gerido e pensado pelas comunidades e sujeitos envolvidos favorecendo assim, o protagonismo social.

**Palavras-chave:** Turismo de Base Comunitária. Desenvolvimento Local. Redes de colaboração. Povoado Alto.

### 1 INTRODUÇÃO



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

O presente artigo versa sobre o Turismo de Base Comunitária - TBC como um dos caminhos possíveis para o desenvolvimento local. O TBC emerge na sociedade contemporânea como alternativa ao modelo convencional desenvolvido sob princípios mercadológicos com caráter elitista e excludente, cujo avanço pressupõe exploração e não benefícios às populações locais. As primeiras práticas do Turismo de Base Comunitária surgiram por volta de 1980 em comunidades rurais e isoladas da América Latina, denominado ainda de Turismo Rural Comunitário (CARLOS MALDONADO, 2009). Atualmente, tais práticas vêm sendo desenvolvidas no Brasil e outros países como Chile, Equador, Bolívia, Honduras, Guatemala, Nicarágua, México (BARTHOLO, SANSOLO e BURSZTYN, 2009).

O modelo de organização e gestão do TBC contrapõe o convencional que visa prioritariamente interesses econômicos explorando o potencial turístico de localidades, “coisificando” os sujeitos, utilizados como objetos de exposição (MARTA IRVING, 2002). Nesse sentido, poucos são os benefícios que contribuem para o desenvolvimento local das comunidades. Para David Harvey (2016), o turismo convencional pode ser considerado como monopólio de acesso à arte e ao lazer, manipulando os desejos humanos em função de lucros, logo este além de excludente, torna-se nocivo por tratar os atrativos e os sujeitos envolvidos como coisas a serviço da obtenção de lucros. Provocando impactos no meio ambiente, na cultura e nas relações sociais (HALLACK, BURGOS E CARNEIRO 2011).

O que apresentamos aqui são discussões sobre as principais categorias conceituais do estudo em andamento no mestrado em Educação e contemporaneidade do PPGEduc/UNEB na linha Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável, ancoradas na revisão bibliográfica de autores como Dowbor (2006) e Mance (2008) sobre Desenvolvimento Local; Silva (2006 e 2012) e Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2009) sobre o Turismo de Base Comunitária. Para uma melhor exposição das ideias, organizamos o artigo em duas seções, na primeira apresentamos a diversidade de conceitos e princípios referentes ao TBC. Na segunda, abordamos sobre o desenvolvimento local, seus princípios e relações com o TBC, ainda nesta seção apresentamos o caso do Povoado Alto como exemplo de uma comunidade rural trilhando os caminhos do desenvolvimento local por meio do TBC. E, por fim, a conclusão.

## **2 CONCEITOS E PRINCÍPIOS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.**

IX ETBCES - Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável - De 14 a 18 de agosto de 2019.  
Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

O Turismo de Base Comunitária apresenta conceitos diversos, visto que o mesmo assumi características próprias do local onde é desenvolvido. Para Brasil (2010, p. 15) “A falta de consenso em termos conceituais resulta por um lado, da heterogeneidade das próprias experiências e, por outro, da origem do território e da perspectiva política da organização não governamental, responsável por organizar e viabilizar a experiência”. Logo, faz-se necessário apresentar conceitos e princípios que regem o TBC e o diferencia do modelo convencional, para melhor compreendermos como este pode ser um caminho possível para o desenvolvimento de comunidades marginalizadas pelo modelo de turismo em vigor.

Segundo Irving (2009, p. 113) o TBC pode ser entendido como uma “proposta de desenvolvimento local, através da valorização da cultura e identidade, dos modos de vida, respeitando as dimensões de uma sociedade em seus aspectos sociais, políticos, culturais e humanos”. Tal definição corrobora com Tucum (2008 apud Sansolo; Bursztyn, 2009, p. 147) que define o TBC como “aquele no qual as populações locais possuem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento e gestão, e está baseado na gestão comunitária ou familiar das infraestruturas e serviços turísticos, no respeito ao meio ambiente, na valorização da cultura local e na economia solidária”. Desse modo, podemos considerar o TBC como um caminho de desenvolvimento alternativo na medida em que este contrapõe os poderes hegemônicos das grandes empresas que dominam o ramo do turismo, as quais invadem comunidades e exploram as pessoas como coisas, visando prioritariamente o acúmulo de riquezas.

Nesta perspectiva, as ações do TBC são organizadas coletivamente, os sujeitos locais são os protagonistas de todo o processo desde o planejamento até a implementação, e não objetos. Logo:

A comunidade é protagonista de todo o processo de organização e gerenciamento do turismo na sua localidade, significando que a gestão do turismo é da base comunitária na qual emergem roteiros e serviços criados pelos sujeitos sociais a partir do legado cultural, das habilidades e dos saberes populares, ao tempo em que eles são também os negociadores e anfitriões, sem intermediários. Silva, Matta e Sá (2016, p.83)

Portanto, o potencial do TBC vai além dos benefícios econômicos que as populações locais poderão usufruir com o fluxo de visitas, pois a forma de organização e gestão das ações prioriza o bem coletivo e não individual. Assim, o TBC favorece a criação de redes de



### IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

colaboração solidária na comunidade, contribuindo com um desenvolvimento local pautado na igualdade, cidadania, sobretudo promovendo práticas comunitárias de preservação do meio ambiente e valorização da cultura local. Assim sendo, o TBC difere-se do turismo convencional em diversos pontos, alguns dos quais apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 01 - Características do Turismo de Base Comunitária e do turismo convencional.

<b>TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA</b>	<b>TURISMO CONVENCIONAL</b>
Baseado no compartilhamento dos ganhos entre sujeitos da comunidade.	Baseado no lucro dos empresários.
Capital social, relação de confiança e transparência.	Capital proveniente do mercado, relação de oferta e demanda.
A cultura e o meio ambiente como base fundante da organização do turismo.	A cultura e o meio ambiente como mercadoria, produto, atrativo, atração, descaracterizando-os.
Valorização da identidade local.	Uniformização de culturas.
Organização em rede, coletiva, cooperativa, participativa, solidária, compartilhada.	Organização setorial, individualizada, competitiva, empresarial, centralizada.
Tem como fim a troca de experiências, de saberes e artesanatos manufaturados.	Tem como fim o consumo, compra e venda de produtos industrializados ou não.
Singularizado, o humano, o ser.	Massificado, o consumidor, o ter.
Princípio na economia solidária, no comércio justo.	Princípio no mercado, na competição.
Autogestão	Gestão departamentalizada, fragmentada.
Protagonismo das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.	Alijamento das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.
Trabalho.	Emprego, expropriação e precarização do trabalho, exploração de mão de obra.
Conscientização.	Alienação.
Grupos marginalizados, politizados, classes populares.	Grupos detentores do capital, do poder, classes dominantes, membros de elites.
Foco no desenvolvimento local sustentável do território.	Foco no crescimento econômico, especulação imobiliária.
Apoderamento e empoderamento das comunidades.	Apropriação privada, propriedade.
Espaço para organizações populares e iniciativas comerciais tradicionais formais e informais como quitandeiros, feiras populares, por exemplo.	Espaço para cadeias e redes internacionais, empreendimentos formais, de médio e grande porte, como complexos hoteleiros, shoppings centers, por exemplo.
Bem estar coletivo.	Bem estar individual

Fonte: Silva (2014) apud Silva, Matta e Sá (2016).



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

As características apresentadas no quadro acima apontam de forma bem explicativa as principais diferenças entre o TBC e o turismo convencional. Ainda assim, vale ressaltar que a organização do TBC pressupõe a autogestão das ações, a valorização da cultura e o modo de viver dos sujeitos, o que coaduna com a os princípios do desenvolvimento local, numa perspectiva endógena, na qual a comunidade é que tem o poder de decisão. Ademais, o TBC é caracterizado de formas diversas, alguns autores o consideram como sinônimo de Turismo Comunitário- TC. Todavia, concordamos com Silva, Matta e Sá (2016), quando os diferenciam pela forma de organização. Logo, enquanto o TBC é uma organização solidária, planejado e gerido pela comunidade local, o TC é uma organização empresarial caracterizado como um segmento de mercado do turismo convencional (MALDONADO, 2009). Segundo Hallack, Burgos e Carneiro (2011, p.10) o:

TBC não é um segmento turístico tal como alguns autores consideram, e sim uma prática turística que busca conciliar o desenvolvimento local e a conservação da natureza. Trata-se de uma resposta alternativa que mantém vínculos não só com a dimensão ambiental, como também com a dimensão sociocultural, através do estímulo de trocas culturais entre visitantes e moradores, podendo igualmente apontar caminhos frutíferos para a melhoria da qualidade de vida e do bem estar da população receptora.

Com isso, entendemos que o TBC diferente do TC não está atrelado ao mercado turístico convencional, é gerido pela comunidade local em uma rede de relações solidárias e não por operadoras ou agências especializadas no ramo. Favorecendo assim o desenvolvimento local, na medida em que a comunidade tem um papel ativo nas atividades e é a beneficiada pelas visitas e não meramente objeto de atração turístico ofertado para a comercialização de pacotes. Nesse sentido, o TBC favorece a troca de saberes, experiências, práticas de tecnologias sociais, primando por elementos culturais locais e produtos do cotidiano. Logo, a comunidade receptora não é arrumada ou estruturada artificialmente para receber e satisfazer os turistas dentro dos padrões convencionais da área, os visitantes são acolhidos de acordo com as condições, modos de vida e cultura local.

Para Holanda (2016, p.258) “As iniciativas do TBC, em tese, se contrapõem à lógica de mercado e emergiram na contramão do turismo de massa, em muitos casos, nasceram dentro de movimentos sociais de resistência”. Assim sendo, organizar o TBC dentro dos moldes empresariais do turismo convencional estaria ferindo os princípios que os regem.



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

Dessa maneira, o perfil ou interesses do visitante é algo que deve ser considerado. Haja vista que como alternativa, o TBC distingue-se do convencional justamente pela “sabedoria construída no lugar, com suas crenças, valores, mitos, técnicas, enfim, por aqueles que detêm um patrimônio intangível, mas que existe, resiste e se dispõem aos que compreendem o valor da diversidade e da alteridade”. (BARTHOLO; SANZOLO; BURSZTYN, 2009, p. 16).

Uma das estratégias de resistência e fortalecimento das iniciativas do TBC no Brasil e outros países da América Latina é a organização de grupos sociais por meio de ações coletivas e redes locais, nacionais e latino-americanas (MORAES, IRVING E MENDONÇA, 2018). Nesse sentido, um dos principais exemplos é a Rede Cearense de Turismo Comunitário (TUCUM) criada em 2008 no Brasil e a Rede de Turismo Comunitário da América Latina - *REDETURS*, criada em 2001 “com a missão de apoiar os processos de formação e de fortalecimento de redes de turismo comunitário em países da América Latina, para diversificar as possibilidades de emprego e renda, promover o associativismo e a valorização da cultura local” (MORAES, IRVING E MENDONÇA, 2018, p. 253).

A formação das redes colaborativas de TBC, na medida em que contribuem com o fortalecimento das iniciativas, podem ainda ser entendidas como forma de resistência ao turismo convencional, que na maioria de suas práticas explora as comunidades e as exclui dos reais benefícios da atividade. As redes colaborativas utilizam o TBC como estratégia para a redução da pobreza, valorização da cultura e identidade local, bem como contribuir com o processo de desenvolvimento local, o qual discutiremos a seguir.

### **3 DESENVOLVIMENTO LOCAL: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL COM O TBC.**

Segundo Milton Santos (2006, p.230) “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. Diante disso, o TBC, enquanto proposta de desenvolvimento local pode ser visto como uma resposta ao mundo do turismo convencional, sobretudo, ao contrapor as lógicas de dominação praticadas em nome de um desenvolvimento que visa apenas os interesses econômicos das classes dominantes. Para Contreras (1999) tal modelo desenvolvimentista obedece regras de imposições culturais e de estilos de vida, baseados em



### **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

uma lógica de dominação e homogeneização cultural, enquanto o TBC visa a valorização da diversidade cultural e dos diferentes modos de vida.

De acordo com Dowbor (2017) a busca excessiva por um desenvolvimento baseado em acumulação de riquezas tem gerado problemas graves principalmente de ordem ambiental e social, contribuindo para uma sociedade cada vez mais desigual com a concentração das riquezas na mão de uma minoria, que domina a maioria, dentre os quais muitos ainda morrem de fome. Por isso, defendemos que nossa perspectiva para desenvolvimento local não coaduna com a produção e reprodução dessas desigualdades, ao contrário, busca estratégias de desenvolvimento que possa reduzi-las. Ou seja, buscamos outras possibilidades, o que Santos, B. (2002) chama de desenvolvimento alternativo, em que a comunidade não seja objeto de exploração e sim protagonista.

Corroborando assim com Manfred Max-Neef (2012, p.46) para o qual “o desenvolvimento [...] não pode, por definição ser estruturado de cima para baixo. Não pode ser imposto por leis ou decretos. Pode apenas emanar diretamente das ações das expectativas e da consciência criativa e crítica dos próprios protagonistas”. Assim, podemos dizer que há coerência entre os princípios do Turismo de Base Comunitária e desenvolvimento local, os quais primam pela valorização dos saberes locais, a solidariedade e o bem estar coletivo, dialogando com a ideia de que o desenvolvimento se refere as pessoas e não objetos, assim, o melhor processo para uma comunidade não é aquele que gere mais lucro, e sim aquele que possibilitar melhorias na qualidade de vida das pessoas ( MAX-NEEF 2012).

Assim como nos princípios do TBC, para além do aspecto econômico, o desenvolvimento deve considerar as dimensões que constituem as relações sociais (SOUZA, 1997). Por isso, segundo Menezes e Campos (2013, p.49) “o conceito de desenvolvimento deve estar pautado na valorização simultânea dos recursos naturais, e, sobretudo, na valorização das potencialidades humanas”. Para além do respeito às vocações humanas, o TBC não impõe um modelo de turismo, ao contrário possibilita a participação direta dos sujeitos, na organização de ações contextualizadas e inspiradas na realidade local. Logo, organizar o TBC na perspectiva do desenvolvimento local consiste em:



## **IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

[...] considerar como esses fluxos podem ser aproveitados ou reorganizados de maneira sustentável para o bem-viver de todas as pessoas, transformando tanto os arranjos sócio-produtivos injustos e danosos aos ecossistemas, em particular, quanto o conjunto das relações humanas, em geral, para que sejam ecologicamente equilibrados e eticamente solidários. Mance (2008, p.3)

Dialogando com a perspectiva defendida por Dowbor (2006, p. 3) para o qual promover o desenvolvimento local “[...] significa utilizar as diversas dimensões territoriais segundo os interesses da comunidade”. De maneira que a comunidade de fato seja a protagonista como autora do seu desenvolvimento, e não apenas objeto de enriquecimento das grandes empresas. Logo, é da comunidade a condição de agente de mudança e não apenas de receptora passiva dos benefícios, pois ao invés de ficar a espera do desenvolvimento ocorrer de “fora para dentro” esta deve acreditar e agir para que ocorra de dentro para fora, pois, o desenvolvimento não se espera acontecer, se faz.

Afora isto, o TBC pode contribuir com o processo de desenvolvimento local, visto que apresentam princípios convergentes, principalmente no que diz respeito à busca por transformação social, superação das desigualdades e melhorias nas condições de vida dos sujeitos. Mas, sobretudo, pela inclusão de comunidades marginalizadas, muito ricas culturalmente, como no caso do Povoado Alto que veremos adiante.

### **3.1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO POVOADO ALTO: TRILHANDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.**

O Povoado Alto está situado às margens do rio Itapicuru Mirim, na zona rural do município de Tucano localizado a 280 quilômetros de Salvador, no interior da Bahia, conforme pode ser observado nas figuras 1. Na localidade vivem cerca de 100 famílias, o equivalente a 271 habitantes, de acordo com a contagem feita por jovens da comunidade. Um lugar cujas belezas naturais típicas do sertão nordestino, as tradições históricas, culturais e religiosas sertanejas compõe uma série de atrativos, que poderiam ser utilizados no desenvolvimento do turismo na região.

Figura 1: Mapas do Brasil de Tucano com a localização do Povoado Alto.

IX ETBCES - Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável - De 14 a 18 de agosto de 2019.  
Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.





## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucano\\_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucano_(Bahia)). Acesso em 25 de Fevereiro de 2019.

Contudo, apesar de ser uma região com muita riqueza cultural e natural, e fazer parte da zona Caminhos do Sertão, o Povoado não recebe incentivos para o desenvolvimento do turismo, por isso são necessárias estratégias e alternativas de mobilização e organização social que possibilite à comunidade desenvolver a atividade turística. Neste sentido, o TBC apresenta-se como uma forma de organização do turismo que pode contribuir com o processo de desenvolvimento local do Alto. Tendo em vista que, de acordo com Sampaio (2005), o TBC oportuniza vivências com outros modos de vida e cultura, trocas de experiências entre turistas e anfitriões em uma relação harmônica, contrapondo o estilo consumista do turismo de convencional.

Com a forte incidência de secas na região a agricultura, principal fonte de renda dos altenses, é prejudicada, apontando para a necessidade de alternativas de trabalho e renda no meio rural. De acordo com Eusébio e Rodrigues (2014, p.424) “A transformação dos meios rurais, a perda da centralidade da atividade agrícola e os novos desafios com que se debatem, leva a uma mudança nas estratégias de desenvolvimento a adotar para esses lugares”. Portanto, para o Povoado Alto o Turismo de Base Comunitária emerge como uma estratégia de desenvolvimento local, sendo um modelo de organização do turismo alternativo ao que vem sendo desenvolvido.

Portanto, a ideia do TBC no Povoado Alto pode ser considerada um desafio e um ato de resistência de um grupo de jovens que frente às dificuldades e descasos por parte do poder público que vivem em sua comunidade, decidem se organizar para desenvolver estratégias



### IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

que resultem em melhorias para a localidade. O despertar da comunidade para o TBC, se deu a partir da construção coletiva do *blog* “Alto: O Meu Lugar no Sertão”<sup>1</sup> resultado do trabalho de conclusão de curso de uma das autoras, no qual foi possível identificar e mapear as belezas naturais e suas tradições culturais. Logo, após a realização de algumas rodas de conversas concluíram que o TBC pode ser uma forma de organização da comunidade para receber visitantes, como proposta para o desenvolvimento local seguindo os princípios do bem-estar coletivo, o respeito e o reconhecimento dos saberes e cultura local.

No processo de pesquisa e construção do *blog*, utilizamos a metodologia DBR traduzida como Pesquisa Aplicação, a qual possui como características principais sua flexibilidade e o enfoque participativo, permitindo diálogo e colaboração entre os sujeitos envolvidos (MATTA, SILVA E BOAVENTURA 2016). O diferencial da DBR é a participação, colaboração e coautoria por parte dos habitantes locais. Como a Pesquisa Aplicação é desenvolvida em ciclos, pode-se considerar que a pesquisa em andamento sobre o TBC na comunidade configura-se como o início de um novo ciclo da DBR, por isso ainda não é possível apresentarmos dados empíricos sobre a pesquisa.

Os jovens e a população local, pessoas simples e cheias de sabedoria popular assumiram o protagonismo no processo de organização da atividade na localidade. Porém, este processo é lento e requer constantes diálogos. Ainda assim, já podemos afirmar que o TBC no Povoado Alto caracteriza-se como uma atividade promissora para o desenvolvimento local, sobretudo, para a valorização da cultura e tradições. Com isso, ainda que de forma preliminar o TBC na comunidade já aponta para alguns resultados parciais, sobretudo no engajamento dos altenses, considerado uma conquista e oriundo do processo de estudo sobre a história local, pois estes mesmos sujeitos anteriormente, negavam a identidade de seu lugar de origem.

Dentre as ações desenvolvidas pelo grupo de jovens, destacamos a nomeação das ruas da comunidade, uma decisão tomada numa roda de conversa sobre a elaboração de roteiros turísticos. Após meses de pesquisa com os moradores mais velhos, os jovens concluíram que a nomeação das ruas, conforme podemos observar na figura 2, seria feita com nomes de moradores antigos que participaram da formação do Alto.

---

<sup>1</sup> Link do *blog*: <https://altoomeulugarnosertao.blogspot.com>



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Figura 2: Imagem via satélite do Povoado Alto com a nomeação das ruas.



Fonte: google earth, alterações feitas por João Nogueira de Santana em parceria com o grupo de jovens da comunidade.

Apesar de ser algo aparentemente simples, nomear as ruas coletivamente, foi como um mergulho da comunidade em sua história, o que possibilitou novas descobertas e aprendizagens sobre o local onde vivem. Outras atividades como a elaboração e execução de roteiros, a organização de uma biblioteca Comunitária e a organização de eventos culturais a exemplo, Pôr do Sol Cultural, são resultados preliminares do processo inicial de implementação do TBC no Povoado, enquanto proposta de desenvolvimento local. Por fim, os benefícios oriundos TBC na localidade perpassam as dimensões econômicas e tem possibilitado desenvolver um turismo com características próprias, valorizando a cultura e história local e os sujeitos envolvidos, para que sigam conquistando e promovendo melhorias para o bem estar social da comunidade.

## 4 CONCLUSÃO

No decorrer deste artigo, buscamos apresentar conceitos e discussões sobre o Turismo de Base Comunitária, Desenvolvimento Local e como estes vem sendo articulados no



## IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Povoado Alto . Com isso, acreditamos que é possível desenvolver o TBC como um caminho de inúmeras possibilidades para o desenvolvimento local de comunidades favorecendo o protagonismo dos sujeitos sociais. Além disso, ambos os conceitos discutidos possuem princípios similares e convergentes, os quais visam melhorias sociais e a valorização de culturas, tradições, meio ambiente e tecnologias sociais.

Portanto, concordamos com Irving (2009) ao apresentar o TBC como uma proposta de desenvolvimento local, sendo este um modelo de organização que não invade as comunidades, ao contrário é organizada em diálogo com os saberes dos sujeitos locais, respeitando suas singularidades e diversidade. Dessa maneira, podemos afirmar que o TBC tem um papel fundamental na criação de redes de solidariedade e de trabalhos comunitários. Tal qual, vem sendo vivenciado no Povoado Alto.

Afora isto, a organização de redes de TBC na América Latina principalmente, tem sido uma importante estratégia para o desenvolvimento local e de resistência aos impactos negativos do turismo convencional e de superação da pobreza em comunidade de diversos países, inclusive do Brasil. Por fim, acreditamos que por meio do turismo de base comunitária, é possível pensarmos em um turismo que promova o engajamento dos sujeitos locais na busca por melhorias para a coletividade, com base nos princípios do respeito e solidariedade.

## REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária**: desafio para a formulação de política pública. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Iniciativa do Turismo de Base Comunitária 2.632**.

Brasília: Ministério do Turismo, 2008b. Disponível em:

[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/programas\\_acoes/regionalizacao\\_turismo/downloads\\_regionalizacao/Catlogo\\_Mtur\\_NOVO.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/Catlogo_Mtur_NOVO.pdf). Acesso em 12 de março de 2019.

IX ETBCES - Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável - De 14 a 18 de agosto de 2019.  
Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

CONTRERAS, Joan P. La construcción social del subdesarrollo y el discurso del desarrollo. In: BRETÓN, Victor et al (ed.). **Los límites del desarrollo: modelos “rotos” y modelos “por construir” en América a y África.** Barcelona: Icaria, 1999.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Do Local ao global:** O turismo litorâneo cearense. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DOWBOR, Ladislau. **Aera do capital improdutivo:** Por que oito famílias tem mais riqueza do que metade da população do mundo? São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

\_\_\_\_\_. **Educação e Desenvolvimento Local.** Disponível em: [http://www.apodesc.org/sites/documentos\\_estudos/arquivos/DesenvolvimentoEDUCACAO\\_E\\_DESENVOLVIMENTO\\_LOCAL\\_Ladislau%20Dowbor.pdf](http://www.apodesc.org/sites/documentos_estudos/arquivos/DesenvolvimentoEDUCACAO_E_DESENVOLVIMENTO_LOCAL_Ladislau%20Dowbor.pdf). Acesso: 08 de mai.2018.

EUSÉBIO, Celete. RODRIGUES, Sónia. O desenvolvimento do turismo em destinos rurais: Perceções dos impactes, interação e atitudes dos residentes. In. **Revista Turismo e Desenvolvimento/Journal of Tourism and Development**, Aveiro, n. 21/22 p.423-438, 2014.

HALLACK, N; BURGOS, A; CARNEIRO, D. M. R. Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. **Ambientalmente Sustentável**. n.11-12, 2011, p. 1-25.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo.** São Paulo: Boitempo, 2016.

HOLANDA, L. A Empresarização do turismo de base comunitária. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 249-262, ago. 2016.

IRVING, Marta A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

MANCINI, Euclides A. **Desenvolvimento local sustentável: conceitos e estratégias.** Apresentado no "Curso de Formação de Gestores Públicos em Economia Solidária", Fortaleza, STDS, 2008. Disponível em: [http://www.solidarius.com.br/mancini/biblioteca/Desenvolvimento\\_Local\\_Sustentavel-Conceitos\\_e\\_Estrategias.pdf](http://www.solidarius.com.br/mancini/biblioteca/Desenvolvimento_Local_Sustentavel-Conceitos_e_Estrategias.pdf). Acesso em: 27 de Agosto de 2017.

MAX-NEEF, M. **Desenvolvimento à Escala Humana: Concepção-Aplicação-Reflexos Posteriores.** Blumenau: Edifurb, 2012.

IX ETBCES - Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável - De 14 a 18 de agosto de 2019.  
Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



**IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES**

MENEZES, Ana Maria Ferreira; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. In: SILVA, Francisca de Paula S. da (Org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.

MORAES, E.A.; IRVING, Marta de Azevedo; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. Turismo de Base Comunitária na América Latina: uma estratégia em rede. **Turismo, Visão e Ação**, v.20, p.249-265, 2018.

SAMPAIO, C. A. C.. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação do turismo comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Boaventura Sousa. Um mapa de alternativas de produção. In: **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos; 2). (p. 32-57).

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, Francisca de Paula Santos da, et al. **Cartilha (in) formativa sobre Turismo de Base Comunitária “O ABC do TBC”**. Salvador: EDUNEB, 2012.

SILVA, Francisca de Paula, Santos da; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SÁ, Natália Silva Coimbra de., Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 16, n. 2, abril, 2016, p. 79-92 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil.

SOUZA, M. J. L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: Rodrigues, Adyr Balastrieri (Org). **Turismo Desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.